

## O ABSURDO DA MORTE NO NIILISMO DE BEAUVOIR E SCHOPENHAUER

THE ABSURD OF DEATH IN THE NIILISM OF BEAUVOIR AND SCHOPENHAUER

Roberto Marques Costa\*

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica básica e descritiva sobre a morte na concepção niilista de Beauvoir e Schopenhauer. A morte é um fenômeno natural, complexo e que causa medo nos indivíduos. A morte é um fato para a finitude que reduz o ser humano ao absurdo do nada. Discute-se por meio de fontes secundárias e pelo método hipotético dedutivo a problemática da morte na filosofia desses dois pensadores. A relevância desta pesquisa científica se pauta na asserção de que a morte é um objeto de estudo de suma importância, pois ela se apresenta ao indivíduo como uma realidade inexorável e iminente. Na teoria filosófica desses autores, a morte é um fato que nada encerra, além de uma escuridão absoluta. Ela é a finitude de toda a existência humana. Na morte, tudo desaparece, sem qualquer possibilidade de sobrevivência.

**PALAVRAS-CHAVE:** morte; medo; filosofia; niilismo; existencialismo.

### ABSTRACT

This article presents a basic and descriptive bibliographic research on death in the nihilistic conception of Beauvoir and Schopenhauer. Death is a natural, complex phenomenon that causes fear in individuals. Death is a fact for finitude, in which it reduces the human being to the absurdity of nothingness. The focus of the article is to discuss through secondary sources and by the hypothetical deductive method the problem of death in the philosophy of these two thinkers. The relevance of this scientific research is based on the insertion that death is an object of study of paramount importance, because it presents itself to the individual as an inexorable and imminent reality. In the philosophical theory of these authors, death is a fact that contains nothing but an absolute darkness. It is the finitude of all human existence. In death, everything disappears and there is no possibility of survival after death.

**KEYWORD:** death; fear; philosophy; nihilism; existentialism.

### INTRODUÇÃO

O Niilismo é uma corrente filosófica que acredita no vazio. É bom ressaltar que O conceito está apoiado na subjetividade do ser e sem qualquer comprovação metafísica para a existência humana. Isto é, não existem verdades absolutas. O termo *nihil* é originário do Latim

---

\* Graduado em Filosofia e Teologia. E-mail: [pe.robertomarques@gmail.com](mailto:pe.robertomarques@gmail.com).

e significa nada. Trata-se, portanto, de uma filosofia que está alicerçada no ceticismo, é destituída de normas, indo contra os ideais das escolas materialistas e positivas.

A contextualização histórica deste artigo se pauta na Idade Contemporânea, fundamentada na filosofia existencialista de Beauvoir e Schopenhauer. O método de pesquisa tem como finalidade fazer uma abordagem crítica e qualitativa, por meio de uma pesquisa bibliográfica básica, estratégica com o objetivo de avançar no desenvolvimento do conhecimento científico e filosófico. Portanto, é um método descritivo de pesquisa, cujo objetivo é analisar e refletir criticamente a teoria filosófica existencialista desses filósofos, no que se refere à discussão sobre a morte. A fonte de pesquisa é secundária, baseada e fundamentada nesses filósofos que abordaram em sua teoria o tema da morte. É uma pesquisa qualitativa com procedimento bibliográfico que apresenta e analisa os resultados criticamente, pelo método hipotético dedutivo que é o mais utilizado em trabalho científico descritivo.

A escolha do tema surgiu através de uma inquietude referente ao comportamento do ser humano frente à morte. Pergunta-se: por que a morte é um tabu? Por que ela assusta e amedronta as pessoas? Um grande antropólogo contribui para essas indagações e diz que “é impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque talvez mais do que a vida, é na morte que o homem se revela” (MORIN, 1970, p. 29). É preciso pensar como ele, pois a morte é parte integrante da vida humana e é intrínseca à sua existência. É possível pensar que a melhor forma de entender o medo da morte, gerador de angústia, é refletir de forma crítica e existencial sobre a morte como parte integrante da vida para promover uma futura transformação no ser humano.

O objetivo deste artigo é analisar, refletir e apresentar resultados filosóficos concernentes à morte na filosofia existencialista de cunho niilista de Beauvoir e Schopenhauer. Como esses pensadores concebem e refletem sobre a problemática da morte? Afirma-se que a morte é o fim de toda existência, sem possibilidade de sobrevivência após a morte. De acordo com essa teoria, quando se morre, os átomos se separam, é a decomposição de todo o ser na sua totalidade. A morte é o fim de toda a realidade humana, nada do ser sobreviverá no pós-morte.

Nesse sentido, a morte representa apenas o término de uma das inúmeras vidas existentes. A morte é um fato que nada encerra, além de uma escuridão absoluta. Ela reduz o homem ao nada absoluto, o último suspiro será o fim de tudo. A morte significa a aniquilação absoluta do princípio vital humano. Mais do que na vida, é na morte que o ser humano se revela. É nas atitudes diante da morte que o homem enuncia o que a vida tem de mais fundamental. Sem a morte, talvez, o homem nunca teria filosofado.

Existem vários filósofos e autores que abordaram e se aprofundaram sobre o tema do niilismo e o tema da morte. Contudo, este artigo objetiva analisar e apresentar resultados de forma crítica sobre a discussão da morte na filosofia niilista de Simone de Beauvoir e de Arthur Schopenhauer.

## **SIMONE DE BEAUVOIR**

Vale ressaltar que Beauvoir é uma filósofa existencialista e ateia. O termo existencialismo ateu refere-se à exclusão de quaisquer crenças transcendentais, metafísicas ou religiosas. Os pensadores dessa corrente filosófica enfrentam a angústia da morte sem recorrerem à existência de Deus e à salvação sobrenatural.

Beauvoir nasceu em Paris, no dia 9 de janeiro, de 1908. Ela é considerada um dos nomes mais influentes do feminismo moderno. Beauvoir foi criada em uma família tradicionalmente católica, porém optou pelo ateísmo quando ainda era adolescente. Por isso, ela analisava as questões relacionadas à existência humana desprovida totalmente de qualquer cunho religioso. É no corpo que ela percebe a ausência de Deus e os sinais do seu vazio espiritual, não tendo como escapar de um niilismo total e destruidor.

Detenho-me, estupefata à vista do meu rosto. Pois abomino minha aparência de hoje: as sobrancelhas caídas sobre os olhos, a rotundidade das bochechas, e esse ar de tristeza em torno da boca que vem com as rugas... Sim, é chegado o momento de dizer: Nunca mais! Nunca mais um homem. Agora não é só meu corpo, é minha imaginação que aceita isso. É esquisito não ser mais um corpo. A estranheza disso me enregela o sangue. Mas o que dói é não sentir desejos novos. (BEAUVOIR, 1976, p. 31).

Na sua obra *Uma morte suave*, de 1964, Simone de Beauvoir revela certa intranquilidade diante do envelhecimento e da morte. Para a filósofa o "terrível não é a morte, mas a velhice e seu cortejo de injustiças". Na sua concepção, o envelhecimento e também a morte de amigos próximos produzem angústia e melancolia. Ela se sentiu profundamente melancólica frente à morte de seu companheiro Sartre. A morte para Beauvoir mais do que uma teoria propriamente dita é uma ameaça ao seu projeto existencial. Não resta dúvida de que a morte angustia o ser humano, pois torna a vida esvaziada de sentido. É no corpo que Beauvoir percebe os sinais do seu vazio espiritual, não tendo como escapar de um niilismo destruidor desde o momento em que eu soube que era mortal, a ideia da morte me aterroriza. A morte se apresenta, para a autora,

como uma inimiga e como algo a temer; quando se chega à velhice, aumenta ainda mais a preocupação com a morte.

Para a grande filósofa existencialista Simone de Beauvoir, os melhores sermões sobre a morte são feitos por escritores ateus como: Camus, Sartre, P. Warren, Faulkner e por ela mesma, que se declarava profundamente atea. Para ela, tudo termina e acaba com a morte. A morte humana é vista não como um fato natural, mas sim como um acidente. Concepção extremamente niilista da morte.

Não existe essa coisa de morte natural: nada do que acontece sempre a um homem é sempre natural, pois a presença dele questiona o mundo. Todos os homens devem morrer: mas para todo homem sua morte é um acidente e, mesmo que ele a conheça e nela consinta, é uma violação injustificável (BEAUVOIR apud BOWKER, 1995, p. 44). Eis o que Simone de Beauvoir escreve, depois da passagem, na qual, ela relata ter abandonado Deus, isto é, ter-se declarado uma mulher sem fé e sem religião. A angústia, o medo, a solidão, o desespero, o vazio e o silêncio tomaram conta de si mesma.

De repente tudo se calava. Que silêncio! A terra girava num espaço que olhar algum penetrava. Sobre tudo isso, nem mais um olhar divino. E, perdida em sua superfície imensa, no meio do cego éter, eu estava sozinha. Pela primeira vez compreendia o sentido terrível dessa palavra; sozinha. Nunca a minha morte e a morte dos outros me preocuparam de maneira tão obcecante como durante esses anos. A morte apavorou-me a partir do instante em que compreendi que eu era mortal. A morte descia sobre mim. Eu iria escorregar para o outro lado do mundo, para uma região que não reflete nunca a luz. Deixando-me deslizar numa espécie de abandono ao fundo do nada. E talvez essa morte que me terá amedrontado a vida inteira. Uma tarde em Paris, tive a sensação de estar condenada à morte. Estava inteiramente só em meu apartamento, e não consegui controlar meu desespero. Como é que os outros fazem? Como farei eu? Parecia-me impossível viver a vida toda com o coração torturado pelo horror. (BEAUVOIR, 2009, p. 386-387).

Essa obsessão pela morte reaparece periodicamente, pois Simone de Beauvoir em certos momentos fazia o exercício de realização da própria morte. Ela mesma escreveu que o homem não passa de um morto com prorrogação de vida. Ao assistir a morte do próprio pai, a quem muito amava e admirava, ela dizia que era uma partida para lugar algum, porque o seu pai não tinha fé, um retorno sereno para o nada absoluto, ao qual ela acabava de presenciar. Um regresso ao nada, dado que a vida tem origem no mundo inorgânico, então tende a retornar para a substância inorgânica: a vida tende para a morte e a morte tende para o niilismo.

## ARTHUR SCHOPENHAUER

Schopenhauer foi um filósofo alemão que tinha como marca singular o ceticismo, no que tange às questões vinculadas à vida e à morte. Esse filósofo de meados do século XIX é rigorosamente pessimista e ateu. Pode-se extrair de seu ateísmo consequências severas e puramente radicais, tais como:

Se Deus não existe, a vida é absurda; de fato, vivemos, sofremos, fazemos esforços, tudo isso para acabar morrendo, ou seja, por nada. Nenhum paraíso, nenhuma recompensa nos espera. Ademais, a vida é essencialmente feita de sofrimento [...] logo, a vida não vale a pena ser vivida. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 47).

Logo, se pode considerar que na filosofia do alemão Schopenhauer nada existe após a morte. O último suspiro seria absolutamente o fim de toda a existência humana. De acordo com Schopenhauer (2001, p. 55), “a morte é meu fim absoluto; ou também não sou mais nada do que uma parte infinitamente pequena do mundo, assim também minha forma pessoal não é mais do que uma parcela igualmente pequena de meu ser verdadeiro”. A morte significa a aniquilação absoluta do ser humano, isto é, a aniquilação do princípio vital ou desaparecimento completo do homem. Isso porque, o homem, pelo nascimento, vem do nada; então, ele volta ao nada com a morte. Schopenhauer argumenta essas asserções da seguinte forma: quem considera o nascimento do homem o começo absoluto, a morte tem de ser o fim absoluto; pois os dois são aquilo que são no mesmo sentido. A morte é coisa séria, devido ao fato de a vida não ser uma brincadeira. Por isso, no pensamento de Schopenhauer, o pior de todos os males, o mais terrível dos perigos que pode ameaçar a vida é a própria morte. Ela é o maior e o mais terrível medo que o ser humano carrega consigo. Esse medo do aniquilamento absoluto é inato do ser humano. Contudo, esse medo está relacionado ao *não-ser*, pois se o que faz temer a morte fosse a ideia do não-ser, então o próprio indivíduo deveria experimentar o mesmo temor diante do tempo em que ele próprio ainda não existia. Na verdade, segundo ele, o que tememos é a destruição do organismo; uma vez que este é a própria vontade de vida que se manifesta no corpo. Portanto, o medo da morte tem sua origem diretamente na própria vontade humana.

Para ele, explicações de que existe vida após a morte não passam de divagações do pensamento humano. Assim como ele, os que pensam dessa forma acreditam apenas naquilo que veem: o que se apresenta a sua frente é a morte nua e crua e absolutamente mais nada. Esse comportamento é encontrado no niilismo existencialista de Schopenhauer, autor do pujante e

pungente *Dores do mundo*, em que ele diz ser a morte algo destrutível. “O que o sono é para o indivíduo, a morte é para a espécie. Só a vontade é indestrutível”. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 52).

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, veja uma passagem, na qual evidencia que para crer é preciso ver. É, portanto, uma visão puramente materialista. A experiência abaixo mostra a incredulidade de alguns cientistas acerca da existência de uma vida após a morte. Eles foram ao espaço para ver se existe, de fato, o paraíso que os padres preconizam, isto é, se há vida no paraíso. Contudo, sabe-se que a vida após a morte não pode ser provada empiricamente e tampouco cientificamente. Kruchoy sentiu-se muito feliz pelo comentário que fez sobre o primeiro voo de Gagárin ao espaço em 1961:

Quanto ao paraíso lá no céu, só ouvimos os padres falar. Mas, queríamos ver por nós mesmos com o que é que ele se parece. Por isso, enviamos para lá o nosso explorador Yuri Gagárin. Ele deu voltas ao redor do globo e não encontrou nada no espaço exterior a não ser escuridão completa, disse ele, e absolutamente nenhum jardim, nada que se parecesse com o paraíso. Demos o assunto por encerrado, mas decidimos enviar mais um explorador. Mandamos Herman Titov e lhe dissemos que desse outra volta, desta vez um pouco mais longa, e procurasse ter uma boa visão – Gagárin só tinha ficado no espaço uma hora e meia e podia ter-se esquecido dele. O outro decolou, voltou e confirmou a mesma conclusão de Gagárin: não há nada lá em cima. (BOWKER, 1995, p. 16).

Em outra obra do próprio autor intitulada como *O mundo como vontade e representações*, ele faz a seguinte asserção: “A morte é um sono de que o adormecido por esquecimento não foi despertado: tudo o mais permanece desperto”. (SCHOPENHAUER, 1958, p. 34). Diante dessa citação, percebe-se que ele deixa bem evidente que existe vida enquanto presente aqui e agora, ou seja, a morte é o fim de tudo, é a destruição de toda a realidade humana. Portanto, não há nenhuma possibilidade de vida após a morte. Schopenhauer continua dizendo que há dogmas que falam das provas da vida após a morte, porém essas são insuficientes.

O dogma duma continuação qualquer do indivíduo depois da morte sempre existiu, e foi tido em grande consideração junto de todos os povos, ainda que as provas sobre as quais se apoiem devam ter sido muito insuficientes, enquanto as da tese contrária são fortes e inumeráveis.

Para abordar a discussão da morte em Schopenhauer é necessário esclarecer esta pergunta: o que é a vida humana? Para ele, a vida humana é um erro, e a existência em si não tem nenhum valor. A vida só tem sentido se for espiada de longe, isto é, superficialmente, pois

o indivíduo que quiser aprofundar para conhecê-la irá perceber que ela é totalmente desprovida de sentido e de beleza. Para o filósofo, se a dor não existisse o homem morreria de tédio, pois conseguiria as coisas com muita facilidade. Por conseguinte, a vida é matéria e essa matéria é estruturada de vontade, enquanto que a vontade é cheia de necessidades e ilusões. Então, o que é a morte para Schopenhauer? A morte nada mais é do que uma cura para os males da vida; se a vida é um erro, a morte é uma solução e uma necessidade, pois aniquila a individualidade do homem.

Para o filósofo, a morte é algo muito difícil, pois só se pensa sobre a vida, isto é, de nascer ou até mesmo quando está para nascer. Da mesma forma, ninguém pensa e reflete a sua própria morte. Ele afirma que nem aquele que comete o suicídio pensa a sua morte: ele não quer morrer. Ele quer a vida. Na verdade, ele se suicida porque está descontente das contradições que a vida lhe oferece. “Destruindo o corpo não renuncia ao querer viver, mas unicamente ao viver.” (SCHOPENHAUER, 1958, p. 181).

Na verdade, o que uma pessoa denominada suicida procura é tentar fugir dos próprios problemas, pensando que a morte é a melhor solução. Ele quer se livrar de uma vida que para ele está insuportável porque não condiz com aquela que ele desejaria viver. Porém, o suicídio não soluciona o problema em si, mesmo com o perecimento do corpo. A vida não é um espaço entre dois nada. Nascimento e morte são conceitos que, para ele, só fazem sentido no mundo como representação. A causa do sofrimento não desaparece, por isso ele mesmo conclui dizendo que o sofrimento também não.

Aquele a quem o fardo da vida pesa, que amaria sem dúvida a vida e que nela se mantém, mas maldizendo as dores, e que está cansado de aguentar a triste sorte que lhe coube em herança, não pode esperar da morte a sua libertação, não pode libertar-se pelo suicídio: é graças a uma ilusão que o sombrio e frio Orco lhe pareça a porto, o lugar de repouso. A terra roda, passa da luz às trevas; o indivíduo morre; mas o solo, esse, brilha com um esplendor interrompido, num eterno meio dia [...] o suicídio nos aparece, pois como um ato inútil, insensato. (SCHOPENHAUER apud, SALVIANO, 2005, p. 86).

Grande parte do empenho filosófico de Schopenhauer foi alimentado pelo desejo de encontrar a saída para a infelicidade. Segundo ele, essa saída é encontrada no fenômeno da negação da vontade. Então, poder-se-ia pensar que o suicídio seria o recurso apresentado pela ética? A tendência máxima do ser humano é fugir da morte porque todo ser tende à vida. Segundo Freud, o ser humano só fala na morte para negá-la. Pensar a morte é questionar a transcendência desta vida e o pós-morte, isto é, o desconhecido.

## O MEDO DA MORTE

Schopenhauer aborda a problemática da morte como um elemento fundante para a filosofia. Dizia o filósofo que a morte é a musa inspiradora de toda a filosofia: filosofar é se preparar para a morte. O fato de o ser humano ter o conhecimento de sua existência e a percepção de sua finitude é o que leva a temer a morte. Segundo ele, o suicida entende que precisa morrer, pois é necessário que ele morra para que a vontade seja cumprida. O medo da morte está no fato de o ser humano pensar na sua própria finitude, enquanto que os outros continuarão a existir.

De fato, o temor da morte é independente de todo conhecimento: pois o animal o possui, embora não conheça a morte. Tudo o que nasce já o traz consigo ao mundo. Esse temor da morte a priori é, entretanto, justamente apenas o reverso da Vontade de vida, que nós todos somos. Por isso, em cada animal, ao lado do cuidado com sua conservação, é inato o medo diante da própria destruição. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 62).

O medo da morte é intrínseco ao processo do desenvolvimento humano, porque se trata de um medo do desconhecido e do inesperado. Ou seja, uma angústia somada ao medo do fim último e de deixar tudo neste mundo. A maior de todas as angústias humanas é o medo de morrer, por isso o ser humano tem medo de perder um ente querido e ao mesmo tempo é capaz de desejar a morte para o inimigo. A ideia do não ser, do não existir mais, causa um grande desconforto na pessoa, que acaba criando alguns mecanismos de defesa, querendo fugir de sua própria realidade de morte. Ter medo da morte seria uma estupidez humana, tendo em vista o valor incerto da vida. De acordo com ele, este medo chega a ser zombaria, pois é uma preocupação com tão breve espaço de tempo, visto que a vida é curta demais.

A morte é vista para Schopenhauer como um ponto de partida para a filosofia, como ele próprio evidencia na sua obra *A metafísica da morte*. É, portanto, o conhecimento da própria existência e a percepção de que o homem é finito o torna temente à morte. Na verdade, chegará um dia em que toda a matéria terá um fim. Quando se pensa na finitude, gera uma angústia que é somada ao medo da extinção, isto é, de deixar pra trás tudo o que foi construído. É o medo do isolamento, do ficar sozinho, do sofrer, do envelhecer e do morrer. Ter certeza da finitude força o homem a viver, a se relacionar, criar e construir coisas para garantir que ele não seja esquecido. Por isso, algumas pesquisas comprovam que as pessoas que praticam uma fé



religiosa possuem menos medo da morte, comprovando que a fé seria uma forma de superar o terror da morte.

Os animais não sabem que irão morrer, mas o homem compreende que mais cedo ou mais tarde sua morte chegará. Assim, a racionalidade faz com que o homem tenha medo dessa única certeza que acometerá a todos. O medo da morte é independente do conhecimento e, portanto, instintivo presente também nos animais. Os animais não conhecem a morte, porém a temem, e ela revela o instinto que eles têm para a sobrevivência. O fato de os animais tentarem fugir da morte demonstra que eles querem viver.

A morte é a única certeza do ser humano, neste mundo. Isto significa afirmar que toda a matéria terá um fim. Ao contrário do homem, o animal não tem consciência desse fim. “O animal vive sem conhecimento verdadeiro da morte, por isso o indivíduo animal goza imediatamente de todo caráter imperecível da espécie. Com a razão, apareceu, necessariamente entre os homens, a certeza assustadora da morte.” (SCHOPENHAUER, 2000, p. 59). Os animais não sabem que inevitavelmente irão morrer, porém, o homem, ser racional, sabe que mais cedo ou mais tarde sua morte chegará. Destarte, a própria razão faz com que o homem tenha medo da única certeza: a morte. Sabe-se que para suavizar esse medo, ao longo da história da humanidade, há várias explicações metafísicas e religiosas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar e refletir a morte pode ajudar a aceitá-la e perceber que é uma experiência tão importante e valiosa como qualquer outra. De acordo com Ariés, (2003, p. 127), “a morte é um tema presente: a ideia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa, representando, em realidade, uma proposição universal da condição humana”. A vida, por muitas vezes, exige que o ser humano seja sábio para que a morte ocorra quando a vida precisa sair. Pensar na finitude é uma possibilidade de despedida materialista, mas não necessariamente uma despedida espiritual.

A morte não é privilégio da juventude tampouco da velhice, porque se morre em qualquer idade. É nesse momento que a morte aparece como uma possibilidade pessoal. “Sinto que a vida se amplia e enriquece sempre, mesmo após os 60 anos de idade, com estreitamento da velhice e da doença pelo cansaço de não poder realizar longas viagens, que atinge cada um de nós como um leve avanço para a morte” (SARTRE apud BEAUVOIR 1982, p. 580). Pode-

se considerar a morte como sendo uma das maiores crises que o ser humano enfrenta na contemporaneidade.

Tendo apresentado as concepções de morte na filosofia de Beauvoir Schopenhauer, conclui-se que os seus argumentos podem ajudar o ser humano a melhor compreender e aceitar a morte como algo que faz parte do seu ciclo de vida. Acredita-se que este artigo deve aguçar nos indivíduos a vontade de discutir e refletir sobre a morte. Ao finalizar esta pesquisa bibliográfica e científica propõe-se que, a partir deste estudo sobre a morte, a vida se torne mais leve e bem aproveitada em todas as suas dimensões.

Conclui-se com o pensamento do filósofo niilista Schopenhauer: a filosofia é filha da morte. A morte é o gênio inspirador e a musa de toda a filosofia. Sem a morte, dificilmente o homem teria filosofado. Assim também, pode se inferir que a morte é fonte de pesquisa científica. Parafrazeando o autor, pode-se afirmar que a morte foi a grande musa inspiradora para a escrita deste artigo. Considera-se que pesquisar e refletir sobre a morte pode ajudar na superação do medo da finitude e torná-la mais familiar e menos ameaçadora.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **A cerimônia do adeus**. Tradução de Rita Braga. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice 1: a realidade incômoda**. São Paulo: DIFEL, 1976.

BOWKER, Jhon. **Os sentidos da morte**. Tradução de I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. São Paulo: Europa América, 1970.

SALVIANO, Jarlee Oliveira Silva. Desconfortável consolo: a ética niilista de Arthur Schopenhauer. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, n. 6, p. 83-109, jan. 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do mundo**: o amor, a morte, a arte, a moral, a religião, a política, o homem e a sociedade. Tradução de José Souza de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Heraldo Barbuy. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1958.